

oculto



Valdo Virgo/CB/DA Press

ATENÇÃO ESPECIAL

- Homens trans também devem realizar rastreamento cervical e anal
- Informação e combate a tabus são fundamentais para aumentar a adesão à vacina
- A OMS estima que é possível eliminar o câncer de colo de útero no futuro com vacinação, rastreamento e tratamento

MITOS SOBRE O HPV

- HPV só afeta mulheres
- HPV sempre terá sintomas
- HPV significa câncer imediato
- Preservativo elimina completamente o risco
- Vacina não é necessária se já teve o vírus

IMPORTÂNCIA DA VACINA

- **9 a 14 anos:** eficácia de **74%** a **93%**
- **15 a 18 anos:** eficácia de **12%** a **90%**

Palavra do especialista

Quais são os principais desafios para ampliar a adesão à vacina, especialmente entre os meninos?

Um dos maiores obstáculos é o tabu em torno do HPV. Muitas pessoas acreditam, de forma equivocada, que quem está em relacionamento estável não corre risco e, por isso, não precisa se vacinar. Esse mito reduz a percepção de vulnerabilidade e afeta tanto homens quanto mulheres: relacionamentos estáveis não eliminam a possibilidade de exposição ao vírus, que pode ficar latente sem apresentar sintomas por muitos e muitos anos. Além disso, o fato de a vacinação do PNI ter sido inicialmente voltada apenas para meninas alimentou a impressão de que a prevenção não é uma preocupação masculina. Isso gera uma falsa sensação de que a vacina não é necessária para os meninos, quando, na verdade, a infecção pode causar lesões e cânceres em ambos os sexos. Vale lembrar também que vacinar homens, além de protegê-los, ajuda a proteger as mulheres, pois reduz a circulação do vírus.

É possível imaginar um futuro sem câncer de colo do útero no Brasil, como propõe a OMS?

Seguindo a tríade da OMS — vacinação, rastreamento e tratamento adequado — acreditamos que é, sim, possível eliminar o câncer de colo de útero no Brasil. A MSD continuará sendo parceira estratégica do país na oferta do imunizante, nas campanhas de conscientização e no desenvolvimento de estudos. O futuro sem câncer de colo de útero depende de políticas públicas contínuas e da participação ativa da sociedade.

Em relação à vacina nonavalente, disponível na rede privada, há planos de disponibilização no SUS, que hoje oferece a quadrivalente? Qual seria o impacto na prevenção?

A vacina nonavalente oferece proteção contra nove tipos do vírus HPV (6, 11, 16, 18, 31, 33, 45, 52 e 58) e está disponível para todas as pessoas entre 9 e 45 anos na rede privada. A proteção ampliada pode trazer impactos significativos para a saúde pública. Estudos indicam que os cinco tipos que chegam nessa nova vacina são responsáveis por um acréscimo de 20% dos casos de câncer de colo do útero (além dos 70% causados pelos quatro subtipos contidos na vacina quadrivalente, disponível no SUS), ou seja, a nonavalente atinge 90% de proteção contra o câncer de colo do útero. Além disso, aumenta em 5% a proteção para o câncer vaginal; entre 10% e 15% para o de vulva; e de 20% a 35% para o anal, em comparação com a quadrivalente.

Fernando Cerino é diretor de Vacinas da MSD Brasil, farmacêutica que produz, em parceria com o Instituto Butantan, a vacina contra HPV no país